

FATOS e FOTOS GENTE



CHICO BUARQUE GOTA D'ÁGUA NO CINEMA

CIENTISTA EXPLICA O
INCRÍVEL COMPORTAMENTO
DO BRASILEIRO NO
CARNAVAL

COCAÍNA
A OPERAÇÃO
SOCIETY

UM LIVRO PARA LER E GUARDAR
**A VIDA DE
JEAN
GABIN**

BRASILIA, 12 DE DEZEMBRO DE 1976 — N.º 799 — ANO XV — CRS 10,00 AMAZONAS, PARÁ, ACRE, RONDONIA, RORAIMA E AMAPÁ (VIA AÉREA) CRS 12,00 — PORTUGAL ESC. 20\$00

CHICO BUARQUE

ESTÁ AÍ, OUTRA VEZ, PARA OS CAROS AMIGOS, PREPARANDO UMA COMÉDIA MUSICAL (O DIA EM QUE FRANK SINATRA VEIO AO BRASIL) E UM FILME BASEADO EM SUA PEÇA GOTA D'ÁGUA

PARECE mentira, mas já tem gente jurando que o homem secou. E argumentando: como é que pode, alguém tão fértil (três filhas e tantas músicas, teatro, disco, livro, televisão, cinema, show, tudo) não ter lançado uma grande novidade durante o ano inteiro? Pois, modestamente, qualquer um pode contra-argumentar que ele anda meio estéril apenas porque está usando toda a sua fertilidade na feitura de uma comédia musical chamada *O Dia em que Frank Sinatra Veio ao Brasil*. E também — bomba, bomba! — nos primeiros rabiscos do roteiro de um filme baseado na sua peça *Gota d'Água*. Portanto, o homem não secou coisa nenhuma. É intriga da oposição. Aliás, muito pelo contrário, continua mandando bala por aí. Exemplo? Está gravando um disco para crianças. **Me alimentaram/Me acariciaram/Me aliciaram/Me acostumaram/O meu mundo era o apartamento/Detefon, almofada e trato/ Todo dia filé-mignon/Ou**



O nono elepê dele já é um sucesso de vendagem, mal acabou de ser lançado. Mas em 10 anos de carreira foram altos e baixos

mesmo um bom filé de gato/Me diziam todo momento/Fique em casa e não tome vento... A música chama-se *História de uma Gata*. Adaptação de uma melodia do italiano Sérgio Bardotti para uma peça infantil baseada num conto dos Irmãos Grimm. Sílvia e Helena — as mais velhas de suas três filhas — fazem parte do coro, ao lado das vozes de Miúcha — irmã de Chico —, Rui e Magro, do MPB4. **...mas é duro ficar na sua/quando há luz da Lua/Tantos gatos pela rua/Toda a noite vão cantando assim/Nós gatos já nascemos**

pobres/Porém já nascemos livres/Senhor, senhora, senhorio/Felino não reconhecerás. Chico vem acompanhando atentamente as gravações. Há pouco mais de um mês ele esteve naquele mesmo estúdio, para os últimos retoques no seu mais recente disco, *Caros Amigos*, já um tremendo sucesso de vendagem, apesar de não ter nenhuma música inédita.

Chico Buarque de Holanda. Aos 32 anos de vida, 10 de carreira, não tem quase nada a ver com o mocinho meigo que fez a *Banda Passar*. A começar pela aparência física. E pelo violão, antigamente sempre presente, que agora dá lugar aos livros e aos muitos papéis rabiscados. Em comum, nos dois Chicos, apenas a timidez. E a eterna graça carregada de crítica. **De manhã eu voltei pra casa/Fui barrada na portaria/Sem filé e sem almofada/Por causa da cantoria/Mas agora meu dia a dia/É no meio da gataria/Pela rua virando lata/Eu sou mais eu/Mais gata/Numa louca serenata/Que de noite sai cantando assim/Nós gatos já nascemos pobres/Porém já nascemos livres/Senhor, senhora, senhorio/Felino não reconhecerás.**

“Se a gente comparar minhas atividades atuais com as de 10 anos atrás, vamos encontrar muitas diferenças. Antes eu viajava pelo Brasil inteiro, apresentando *shows* em todos os cantos. Hoje meu ritmo de vida é diferente, mesmo porque não agüentaria o ritmo antigo. Então eu admito uma tendência em me concentrar mais no ato de criação, ou seja, o *astro* estaria desaparecendo para dar lugar apenas ao criador. Realmente, não pretendo me apresentar em público tão cedo. Mas isso pode ser também um estado cíclico, não posso garantir que seja definitivo. De qualquer forma, mais do que nunca estou concentrado no processo criativo. Um pouco porque estou cansado de *shows*, um pouco porque estou me sentindo predisposto a esse tipo de trabalho. E um pouco por causa do meu próprio temperamento: fico sempre numa posição nada confortável em relação ao público e acabo me desgastando, sofrendo. E, além do mais, tenho mais prazer,



Quando sentiu que suas músicas incomodavam, concluiu que era porque elas tinham alguma coisa para dizer.

ultimamente, com um trabalho criador. Como aconteceu, por exemplo, com o livro *Fazenda Modelo*. Às vezes trabalhava até 12 horas por dia e com um enorme prazer. Só não escrevo outro livro agora porque não tenho uma boa idéia. Se tivesse, largaria tudo para me dedicar apenas a ele. Posso até garantir que compor uma música me dá um prazer que não dura tanto quanto escrever um livro ou uma peça de teatro.”

— *No momento você está escrevendo uma comédia, quase teatro de revista, como você mesmo diz. Não é esquisito que isso aconteça depois de uma peça altamente politizada, polêmica, como Gota d'Água?*

“É justamente por ter vindo de uma tragédia que quis dar uma refrescada. Só que a comédia que está sendo escrita agora não chega a ser inconseqüente. E uma sátira social, cheia de ironias. Não há o simples propósito de fazer rir. E tem mais uma coisa: quem observar bem *Gota d'Água* vai ver que há uma grande parte de comédia nela. E foi justamente — isso é engraçado — a parte mais atingida pela censura. Agora, o importante é que eu não sou escravo de imagem nenhuma. Não carrego nenhuma bandeira e não sou herói. E faço questão de desmistificar isso. Meu único compromisso é com a cultura brasileira.”

— *Já que não é uma comediazinha, você não tem medo que a peça seja proibida?*

“Quando estou trabalhando nunca penso na presença da censura. Faço o que acho certo, eles que cortem depois, se discordarem. Além do mais, de nada adiantaria eu me vigiar, porque ninguém pode

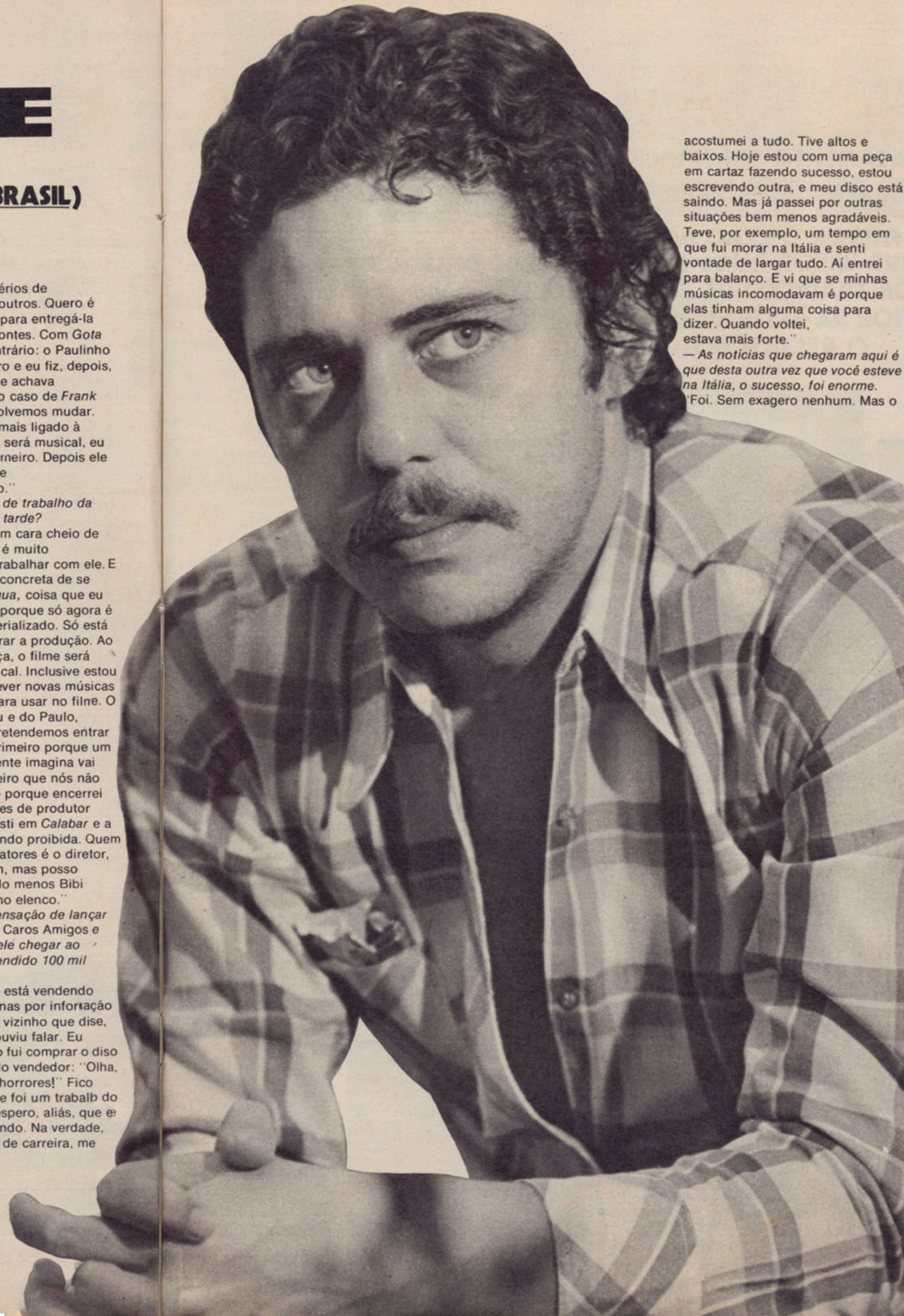
adivinhar os critérios de julgamento dos outros. Quero é terminar a peça para entregá-la logo ao Paulo Pontes. Com *Gota d'Água* foi o contrário: o Paulinho escreveu primeiro e eu fiz, depois, as alterações que achava convenientes. No caso de *Frank Sinatra*, nós resolvemos mudar. Como eu estou mais ligado à música e a peça será musical, eu escrevo tudo primeiro. Depois ele vai mexer no que achar necessário.”

— *Novos planos de trabalho da dupla para mais tarde?*

“O Paulinho é um cara cheio de projetos. Então, é muito entusiasmante trabalhar com ele. E já há uma idéia concreta de se filmar *Gota d'Água*, coisa que eu revelo só agora porque só agora é um projeto materializado. Só está faltando encontrar a produção. Ao contrário da peça, o filme será totalmente musical. Inclusive estou disposto a escrever novas músicas sobre o tema, para usar no filme. O roteiro será meu e do Paulo, também. Não pretendemos entrar na produção, primeiro porque um filme como a gente imagina vai custar um dinheiro que nós não temos, segundo porque encerrei minhas atividades de produtor depois que investi em *Calabar* e a peça acabou sendo proibida. Quem vai escolher os atores é o diretor, Leon Hirschman, mas posso adiantar que pelo menos Bibi Ferreira estará no elenco.”

— *E que tal a sensação de lançar um disco como Caros Amigos e antes mesmo dele chegar ao público já ter vendido 100 mil cópias?*

“Soube que ele está vendendo muito, mas apenas por infortunação de bastidor. Do vizinho que disse, do amigo que ouviu falar. Eu mesmo, quando fui comprar o disco pra mim, ouvi do vendedor: “Olha, está vendendo horrores!” Fico contente porque foi um trabalho do qual gostei. E espero, aliás, que continue vendendo. Na verdade, nesses 10 anos de carreira, me



acostumei a tudo. Tive altos e baixos. Hoje estou com uma peça em cartaz fazendo sucesso, estou escrevendo outra, e meu disco está saindo. Mas já passei por outras situações bem menos agradáveis. Teve, por exemplo, um tempo em que fui morar na Itália e senti vontade de largar tudo. Aí entrei para balanço. E vi que se minhas músicas incomodavam é porque elas tinham alguma coisa para dizer. Quando voltei, estava mais forte.”

— *As notícias que chegaram aqui é que desta outra vez que você esteve na Itália, o sucesso, foi enorme.*

“Foi. Sem exagero nenhum. Mas o

sucesso não foi só meu, foi da música brasileira. Do Jorge Ben, do Gil, da Betânia. De todos os brasileiros que se apresentaram no Teatro Sistina de Roma. E as críticas foram espetaculares. Lembro-me de que, quando morava na Itália, apenas um pequena elite é que *curtia* a nossa música. Hoje é um público bem mais diversificado. Dessa vez havia uma média diária de 1.400 pessoas. Eu levei um susto. E é preciso salientar que as músicas eram cantadas em português, no original. E quando eu morei lá, tinha de traduzir tudo para o italiano. Isso quer dizer que há alguma coisa no ar, que os empresários brasileiros deveriam aproveitar. Pra dar uma idéia do interesse que há pela música brasileira por si, basta dizer que entre o dia de minha apresentação e a do Gil, havia um intervalo. Então, os organizadores apresentaram um conjunto espanhol ou francês, não me lembro direito. E disseram que era música brasileira. O teatro lotou também. Eu devo voltar para lá, em março ou abril, para gravar um disco de músicas minhas com a Ornella Vanoni. Como ela fez com as músicas do Vinícius. Aliás, acho que o Vinícius e o Toquinho é que foram os responsáveis por essa euforia italiana com relação à música brasileira.”

— *E porque você se limitou à Itália?*

Uma peça em cartaz, fazendo sucesso, enquanto escreve outra, uma comédia, mas não inconseqüente; pelo contrário, uma sátira social.



“Quando terminaram as apresentações em Roma recebi convites para me apresentar em Paris. Mas recusei. Estava muito cansado. Afinal, uma das razões da minha ida era descansar. Tirar umas feriazinhas. E foi o que fiz. Aluguei um carro e andei por tudo quanto é lado, com a Marieta, minha mulher. Conheci Amsterdã e vi filmes que não vão passar aqui. Foi ótimo. Voltei tranqüilo. Pronto para enfrentar o trabalho. E ver meu Fluminense brilhar. □

Texto de Renato Sérgio
Entrevista a Ivandel Godinho Jr.
Fotos de Frederico Mendes